

Sarney admite subir em palanque

JORNAL DO BRASIL

para ajudar Aliança

Piquiá — Foto de Vidal da Trindade

Thaís de Mendonça

São Luís — O presidente José Sarney admitiu, durante a viagem de trem entre Imperatriz — segunda cidade do Maranhão — e a capital, São Luís, que poderá subir o palanque, na campanha para as eleições de novembro. "Eu sou contra. Eu acho que o presidente não deve. Mas se a Aliança Democrática pedir, eu faço campanha", declarou.

O percurso durou sete horas. Do aeroporto de Imperatriz — onde desembarcou às 8h 49min, vindo de Brasília — à chegada a São Luís, às 15h25min Sarney se deteve cinco vezes para saudar o povo. No primeiro vagão — que inaugura a linha de transporte de passageiros entre a Serra de Carajás, no Pará, e São Luís — ele passou a maior parte do tempo conversando com os candidatos ao governo do Maranhão; o governador Luiz Rocha; os ministros do Trabalho, Almir Pazianotto, da Indústria e Comércio, José Hugo Castelo Branco, do gabinete Militar, Bayma Denis, da Irrigação, Vicente Fialho, e dos Transportes, José Reinaldo.

"Paus de arara"

Não foram poucos os pedidos endereçados ao presidente Sarney ao longo dos 540 quilômetros percorridos. Se os candidatos a governador aproveitaram os espaços, desde o aeroporto de Imperatriz, para lançar seus nomes — o jornalista Edison Vidigal e o deputado João Alberto, ambos da comitiva de Sarney, mandaram pichar os postes e muros no trajeto do aeroporto — professores, trabalhadores rurais, motoristas de táxi e favelados também levaram seus apelos ao presidente.

Do aeroporto de Imperatriz, onde desembarcou com dona Marly e a comitiva, Sarney tomou um ônibus que o levaria até a estação de Piquiá, município de Açailândia, a 80 Km de Imperatriz. Caminhões paus-de-araras lotados de pessoas com suas roupas-de-missa faziam fila no acostamento da estrada. Um grupo de trabalhadores da extração de madeira conseguiu fazer com que a comitiva presidencial fizesse sua primeira parada. Eles agitavam com as mãos cópias da tabela de preços congelados distribuídas pelo diretório do PMDB local. Da escada do ônibus, Sarney falou a eles de sua alegria por retornar à terra natal.

Na estação de Piquiá, entretanto, o clima era tenso. Segurando "uma foto do xará", José de Ribamar Cardoso representava os 64 funcionários do Getat (Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins) de Açailândia, ameaçados de demissão ante a possibilidade de extinção da entidade. Eles queriam reivindicar a Sarney a manutenção de seus empregos.

Mas só o superior dos capuchinhos da cidade, Jesualdo Lazzari, que disse conhecer o pequeno José de Ribamar Ferreira de Araújo Costa (hoje Sarney) do colégio em São Luís, foi ouvido. Ele perguntou ao presidente se poderia ir a Brasília e recebeu resposta afirmativa. "Depois da páscoa", o padre pretende fazer sua caminhada até o Planalto, para cobrar a promessa e pedir ajuda para obras sociais, que incluem a construção de um abrigo de velhos e um jardim de infância na cidade.

— É sempre uma grande emoção voltar à terra da gente, sobretudo a esta área da qual tenho grandes lembranças. Como governador, eu abri esta estrada. Foi a primeira estrada que ligou o Nordeste à Amazônia. Era uma área inteiramente coberta de florestas. Levamos dois anos de grandes lutas para fazermos esta

integração — lembrou o presidente em Piquiá, antes de entrar no trem da Companhia Vale do Rio Doce, pouco distante da rodovia Belém—Brasília.

"Guarda-chuvas"

Enfeitada com fitas verdes e amarelas, a locomotiva puxava os seis vagões que levavam o presidente, os ministros, parlamentares, políticos locais e jornalistas. Em Buriticupu, na estação de Nova Vida, Sarney posou para fotografias. Uma placa suja, pintada a piche, destoava das bem-acabadas faixas que os políticos maranhenses haviam tido o cuidado de estender por todo o trajeto: "Os trabalhadores rurais de Buriticupu saúdam o presidente Sarney". Na área há uma renhida disputa de terras, e os trabalhadores acusam o governador Luiz Rocha de omissão.

Foguetes e bandeirolas anunciaram a chegada do presidente Sarney a Alto Alegre, km 264 da ferrovia. O sol quente da tarde encheu de guarda-chuvas a estação. Cerca de 200 pessoas se apertavam por trás dos cordões de isolamento e começaram a cantar o Hino Nacional, quando o trem apitou. Uma faixa pedia uma escola agritécnica. Outra, "estradas vicinais, energia, escola, saúde".

Entre uma estação e outra, Sarney voltava para seu vagão e continuava a reunião. Esperava-se uma solução para o impasse político do Maranhão, que tem até agora nove candidatos. Seis deles estavam no trem: os deputados federais Joal Alberto (PFL), Epitácio Cafeteira (PDT) e Edison Lobão (PDS), o deputado estadual Francisco Coelho (PFL), o jornalista e ex-deputado federal Edson Vidigal (o único do PMDB), além do senador Alexandre Costa (PDS). "Aqui neste trem viaja o futuro governador do Maranhão", dizia o deputado federal Sarney Filho (PFL) aos jornalistas, excluindo os demais pretendentes — senador João Castelo (PDS), marido da prefeita de São Luís, Gardênia Gonçalves, o ex-governador Ivar Saldanha (PFL) e o ex-secretário do Gabinete Civil do governo estadual, José Teixeira, também do PFL. Eles não foram convidados para a viagem, nem desfrutaram das boas graças da família Sarney.

O governador Luiz Rocha vinha reivindicando há dias a tarefa de coordenar sua sucessão. Mas, no vagão do presidente bem como nas outras oportunidades em que esteve junto dele, sua atitude era de evidente constrangimento. "Eu aceito qualquer acordo desde que o PFL esteja na cabeça da chapa", limitava-se a dizer, antes de encontrar Sarney.

— Vamos todos reverenciar este encontro cívico-popular. O vale do Pindaré esquece suas querelas políticas e traz seu abraço fraternal ao conterrâneo José Sarney — anunciou pelo sistema de alto-falantes o locutor Pedro Rogério, chamando Sarney para discursar na estação de Santa Inês, às 15h27min.

"Vejo aqui o rosto de companheiros da minha vida", disse. "Não bastarão estradas para restaurar a cidadania brasileira. Meu governo dará prioridade aos pobres, e aos mais pobres dos pobres."

Um arco-íris completo parecia feito de encomenda para a comitiva do presidente, que se aproximava, ao cair da tarde, de São Luís. Na estação do Anjo da Guarda, Sarney foi recebido pela prefeita Gardênia Gonçalves. Fogos espocaram. Os alto-falantes tocaram a música Verde-Amarelo, enquanto o presidente cumprimentava as autoridades presentes, antes de dirigir-se ao Palácio dos Leões, sede do governo. Lá, aplaudido por centenas de pessoas, assinou o convênio no valor de Cz\$ 1 milhão 700 mil, entre a Companhia Vale do Rio Doce e o DNOS.